

VALORES CIVILIZATÓRIOS TRADICIONAIS AFRICANOS NO BRASIL

Jaqueline Vilas Boas Talga¹

Vanesca Tomé Paulino

As análises contidas nesse trabalho são fruto das reflexões estabelecidas entre os estudantes do curso de especialização de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, pela Universidade Federal, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, oferecido gratuitamente e prioritariamente a professores e professoras. Foi-nos proposto elaborar a partir dos tecidos de chitão as percepções a despeito dos valores civilizatórios africanos. Com esse intuito, observamos com base na leitura das pesquisas do antropólogo Fábio Leite, sobre os valores civilizatórios negro-africanos, uma grande aproximação existente entre esses valores civilizatórios familiares das sociedades agrárias da África Ocidental com muitos dos valores estabelecidos nos terreiros de candomblé² no Brasil.

Os países que compõem a África Ocidental são: Mauritânia, Mali, Nigéria, Senegal, Guiné, Burquina Faso, Costa do Marfim, Serra Leoa, Guiné Bissau, Libéria, Gana, Togo, Benin, Camarões, Chade, Guiné Equatorial, Gabão, Gâmbia.

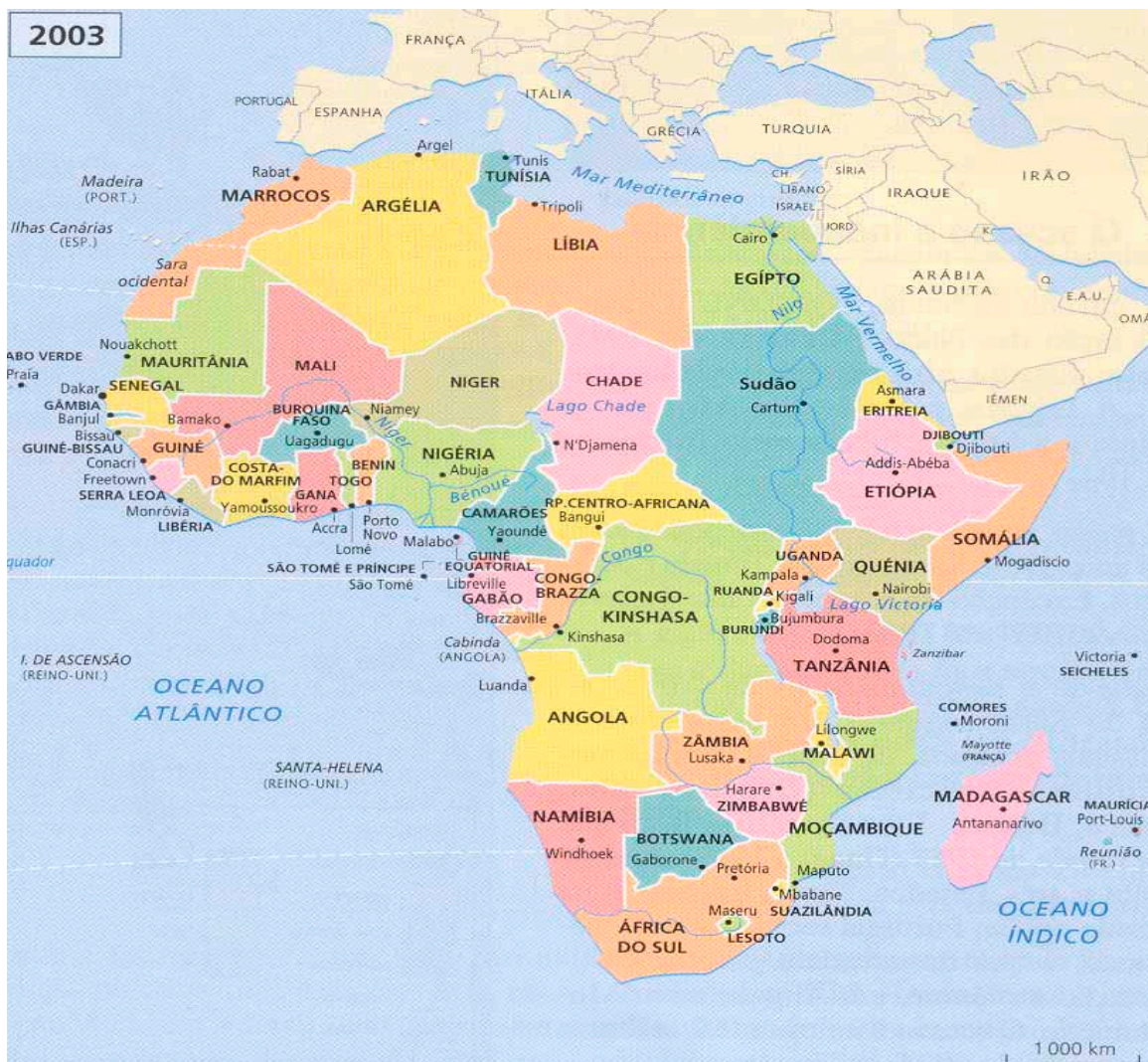
É importante visualizar o local de onde falamos, pois ainda hoje, não temos a noção da complexidade das sociedades africanas e tão pouco de sua extensão territorial.

Figura 01- Mapa do continente africano.

¹ Jaqueline Vilas Boas Talga é especialista em História e Cultura da África, mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia – Minas Gerais, e educadora na rede estadual de educação do mesmo estado. E-mail: jtalga@yahoo.com.br.

Vanesca Tomé Paulino é especialista em História e Cultura da África, pela Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais. E-mail: vanescatome@yahoo.com.br

² De forma resumida, podemos dizer que os candomblés são religiosidades brasileiras de origem africana, nele se cultuam os orixás, deuses das nações africanas dotados de sentimentos humanos. Casa orixá domina um elemento da natureza e lhe são oferecidos determinados alimentos. Sendo Olurum a divindade suprema.



Fonte: <http://www.guiageografico.com/africa-mapa-continente.htm>. Acesso em 15/05/2011.

Percebendo que nessa parte do território africano, nas regiões agrárias do país, encontramos uma sociedade matrilinear, no qual o tio materno exerce grande influência na educação e sustento de seus sobrinhos. Sendo que nessas sociedades um dos principais pontos é a convivência com o existente e o pré-existente, num grande respeito aos guardiões da memória, os griots, os quais fazem a manutenção da memória viva de toda uma comunidade através da oralidade.

Esses costumes se mantêm vivos no cotidiano dessas sociedades não pela ausência do novo, do moderno, pela falta de conhecer, mas pela força desses valores civilizatórios. Existindo casos nos quais se vive o moderno e o tradicional ao mesmo tempo, porém esse moderno tem um alto custo, econômico e cultural.

Muitos desses valores civilizatórios familiares africanos são encontrados nos terreiros dos Candomblés espalhados por todo o território brasileiro. Podemos observar essa aproximação com a África a partir da formação dessas religiosidades, pois eram prioritariamente as mulheres as primeiras mães de santo, elas passaram oralmente, aquilo que até hoje é passado, os fundamentos, os segredos, as histórias dos orixás. Numa manutenção entre os ancestrais, o pré-existente e o existente na relação significativa entre os fieis e as forças da natureza, vista como ser vivo.

A oralidade é um elemento que em ambos os contextos é o ponto essencial na constituição e manutenção das tradições africanas e da estruturação dos terreiros no Brasil. Nesse sentido é necessário ter em mente, que as religiosidades de matriz africana possuem como fundamento a oralidade, todas as tradições se mantêm vivas pela força da palavra³. Sendo que toda essa oralidade, repassada até a atualidade em todas as casas de candomblé, possui uma raiz ancestral⁴ comum, o continente africano.

Para compreender essa oralidade presente nas religiões de matriz africana no Brasil se faz necessário retomarmos a origem desse uso. Entre os estudos sobre essa temática, temos a análise dos valores civilizatórios das sociedades negro africanas do antropólogo Fabio Leite, que afirma:

“... a não utilização da escrita por parte das sociedades da África negra, que não adotaram esse aparato para fins de apreensão e transmissão dos conhecimentos e dos dispositivos civilizatórios que constituíram para essa finalidade. Trata-se de apreciar tão somente a questão da palavra, conceito para o qual se pretende atribuir significado abrangente...”

“... não se confunde ausência de escrita com analfabetismo. O conceito de analfabetismo é estrangeiro as sociedades da África profunda onde o conhecimento é elemento estruturador da realidade, construído a partir de valores próprios: na verdade, nessas sociedades a escrita é considerado fator

³ Segundo Fabio Leite, a palavra possui força, ela machuca, ofende, pode até matar, mas também acaricia, da segurança e pode curar males.

⁴ Segundo Fábio Leite, ancestral não é visto como antigo, mais velho, que antecede que veio antes de nós, mas é exatamente o pré-existente, aquilo que já existia e não foi criado, é inciado. Está ligado aos orixás, que são entidades mitológicas ligadas a elementos da natureza.

externo a pessoa e por essa razão impacta negativamente os processos de comunicação.

Para as práticas sociais que se desenrolam nesse universo, elas se utilizam da palavra, considerada elemento vital da personalidade.” (LEITE, 1992, p.35 e 36)

Mesmo na atualidade o dado oral é muito utilizado em conjunto com a escrita. Mas a oralidade sempre esteve à frente, pois, para os africanos a escrita não é conhecimento, não significa inteligência, sendo, portanto, um registro dotado de tecnologia, o instrumento utilizado para sintetizar o conhecimento, ela não é o conhecimento em si, sendo também excludente, na medida em que pode tanto incluir como excluir ao contrario da palavra.

Através da oralidade todos os mitos e os valores civilizatórios estavam presentes e vivos nas mentes e corações dos quase quatro milhões de homens e mulheres (BASTIDE, 1978, p.35), violentamente arrancados das varias etnias existentes no território africano. Outras fontes orais de angolanos dizem ter vindo para a América, cerca de cem milhões de negros, os quais mais da metade não sobreviveram ao percurso, chegando, em torno de quarenta milhões de negros para fins escravistas.

Vieram à força para o Brasil negros oriundos de distintas regiões do continente africano, com suas nações próprias, entendendo nação enquanto um conjunto de elementos constituintes de uma sociedade em um território delimitado, como especificidades culturais, religiosas, lingüísticas, arquitetônicas, ancestrais, alimentares entre outros. Mas para fins de controle administrativos os traficantes e os senhores de escravo ampliaram esse termo. Como podemos observar nos estudos de Luiz Nicolau Parés:

“No século XVII e XVIII o termo nação era utilizado pelos traficantes de escravos, missionários e oficiais da Costa da Mina, para designar os diversos grupos populacionais autóctones, estava determinado pelo senso de identidade coletiva que prevalecia nos estados monárquicos europeus, e que se projetava em suas empresas comerciais e administrativas na Costa da Mina.

Por outro lado, a identidade coletiva das sociedade africanas ocidentais era multidimensional e se organizava em diversos níveis (étnico, religioso,

lingüístico, político). A identidade de grupo decorria dos vínculos de parentesco das corporações familiares que reconheciam uma ancestralidade comum – a atividade religiosa relacionada com o culto de determinados ancestrais ou de outras entidades espirituais era o veículo por excelência da identidade étnica ou comunitária.” (PARÉS, 2006: 22 e 23)

A pesar de existirem alguns casos de correspondência de nação, a classificação administrativa de controle não atendia as autodenominações étnicas utilizadas pelos africanos em suas regiões de origem. Porém com o passar do tempo, segundo Parés, essas denominações metáétnicas (externas) podem se tornar étnica ou etnônimo (interna).

Além dessa não correspondência étnica de identidade após serem capturados os negros antes de embarcarem nos navios negreiros os negros eram batizados, para se livrarem de seus pecados e recebiam um novo nome. Tornavam-se assim, aos olhos da Igreja Católica Apostólica Romana e dos traficantes, um novo homem, para uma nova vida em um também novo mundo.

Ao chegarem ao chamado novo mundo, esses negros e negras eram separados, prioritariamente, de acordo com o tipo de trabalho a ser exercido. Já em situação de escravidão os negros mais baixos, por exemplo, eram direcionados para as minas de ouro de Minas Gerais. Temos que diante da disposição dos corpos e dos interesses dos senhores de escravo todos esses grupos étnicos foram divididos e destituídos de toda a sua dignidade humana, de sua condição de humanidade, tornando-se coisa, mais uma entre tantas mercadorias, uma carne viva vendida no mercado. Sendo, portanto, utilizados para quaisquer finalidades, com o consenso da maioria da população e de toda a ideologia predominante da época⁵.

⁵A ideologia predominante nesse momento é o pensamento cristão, ligado a igreja católica, apostólica romana. Que em 1453 o Papa assina tratado que permite aos portugueses escravizarem todos que não fossem cristãos.

“Vemos também na ação portuguesa em realizar o “périplo africano” nas Grandes Navegações, aonde o Cristianismo se propagou pela costa da África. A religião nativa era contrária aos princípios cristãos, a grande maioria não aceitou o Evangelho, além da religião Islâmica já estar bem propagada e por também não aceitar tais princípios dos cristãos. Podemos entender a postura da Igreja frente a essa problemática por vários ângulos diferentes, pois são muitas as explicações que são dadas. Eis uma explicação: Assim, a Igreja passou a ver esses que se recusaram a Fé, como descendentes de **Cam**, personagem bíblico, um dos filhos de Noé, que foi amaldiçoado pelo próprio pai. Tal fato é narrado no livro de Gênesis, no Antigo Testamento:

Porém, mesmo subjugados por outros seres humanos em pleno momento marcado pelo renascimento europeu, pelo uso da razão, houve algo que todo o processo escravista não pode tomar, a saber, a memória ancestral, essa riqueza persistiu. Sendo ela um dos elementos identificatórios comum a esse imenso contingente de seres humanos, agora em situação de escravidão.

Essa identidade ancestral adquiriu novos contornos, sendo resignificada e em alguns momentos criada a partir do pré-existente memorial. Nossas análises partem exatamente desses significados e resignificações estabelecidas nos terreiros de candomblé e suas correspondências com os valores civilizatórios familiares presentes em partes do território africano.

Destacáramos a grande aproximação existente no que tange aos cuidados com a ancestralidade, o existente, e o pré-existente, com os mais velhos, ou anciões, com o modelo de organização da família, as relações homem mulher, os mais novos em relação aos mais velhos, os rituais de iniciação e ou de passagem, os agregados a comunidade, com os significados dos tecidos, as hierarquias, com a força da palavra, os ensinamentos transmitidos pela oralidade e na relação com a natureza, na qual ela é entendida como ser vivo.

A instalação da imagem a seguir demonstra o resultado de nossas análises⁶, na qual tínhamos toda uma gama de conhecimentos prévios sobre a organização familiar nas sociedades agrárias em África e os tecidos de chitão e o algodão cru, fornecidos pelo educador. Durante o processo de elaboração tivemos alguns enfrentamentos, pois estávamos associando os valores civilizatórios negro-africanos com alguns dos costumes dos terreiros de candomblé no Brasil e juntando todas essas informações na

“Maldito seja Canaã, disse ele; que ele seja o último dos escravos de seus irmãos!” (livro do Gênesis 9, 25)”. In: Santos, Juberto. Por que a Igreja Apoiava a Escravidão Indígena e Africana. <http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/29.htm>. Acessado em 15/05/2011.

⁶ Esse trabalho foi elaborado por: Eliete Antônia (educadora de história), Flaviane Malaquias (arte educadora), Glauca Domingues Silvério (educadora de sociologia), Jaqueline Vilas Boas Talga (educadora de sociologia), Marcia David (educadora de língua portuguesa e inglesa), Marcelo Messias Ponchio (arte educador), Maria Luzia Santos (educadora de história) e Cristiane Santos (bancaria).

montagem dessa instalação, num contexto no qual somente duas integrantes do grupo conheciam a realidade das religiosidades de matriz africana. Então foram questões delicadas e totalmente desconhecidas a serem compreendidas por todos os envolvidos.



Foto: Jaqueline Vilas Boas Talga.

Iniciando nossas observações, reproduzimos, através dos tecidos, o que seria uma mãe de santo, com sua saia, seu pano da costa e seu torço ou ojá. Pois entendemos que as mulheres negras, ainda dentro das senzalas, foram às pioneiras na formação daquilo que veio a se constituir enquanto candomblé. Assim como em África as descendência se estabelecem a partir da mulher, formando uma sociedade matrilinear.

Na saia especificamente, devido à riqueza da estampa do chitão - o que mais tarde constatamos ser o tecido perfeito para nosso grupo - podemos descrever vários elementos presentes nas sociedades africanas em paralelo aos terreiros de Candomblé no Brasil.

Fazendo uma leitura comparativa entre esses dois universos temos que:

As flores amarelas grandes seriam as mulheres, devido a sua importância enquanto legitimadora da linhagem de descendência familiar em África. No Brasil temos esse papel desempenhado num primeiro momento, prioritariamente pelas mulheres e num segundo momento por ambos os sexos.

Já as flores vermelhas, um pouco maiores e mais robustas que as amarelas seriam os homens, uma vez que o tio paterno exerce grande influência sobre a educação e manutenção financeira dos sobrinhos e sobrinhas. Mesmo que as mulheres sejam consultadas no espaço privado, no interior de suas casas pelo homem, são eles que possuem voz ativa e definitiva nos caminhos dessas sociedades. Nos terreiros brasileiros algumas casas só permitem homens e outros só mulheres ocupando cargos de liderança.

As flores médias, seriam os jovens que já passaram por alguns dos rituais de iniciação, possibilitando a eles frequentarem espaços antes proibidos, a saber certos conhecimentos e a ter direito a voz, a expressar sua opinião nas sociedades africanas. O mesmo ocorre nos terreiros de Candomblé, porém a idade nesses espaços é medida pelo tempo de feitura do santo e das obrigações conseqüentes realizadas, e não pela idade biológica.

As flores médias e muxas seriam os agregados, aqueles que vieram de outras comunidades, mas foram recolhidos nessa nova família, porém jamais terão o direito a voz em África. Já no Brasil temos ainda na época da escravidão os terreiros servindo de abrigo, acolhendo os perseguidos, e na atualidade têm aqueles fieis que eram de outra casa ou nação e foram agregados a nova família de santo.

As flores bem pequenas brancas, representam as crianças, aquelas que são fundamentais na constituição dessas sociedades, mas por não terem passado por alguns rituais de passagem, também não possuem direito a voz em África. O mesmo também ocorre no Brasil com todos aqueles que não passaram pelos rituais de iniciação, não deitaram para o santo, não tem direito a voz e a obter conhecimento, os fundamentos próprios dessa religiosidade.

Os espaços vazios (buracos que foram feitos na saia) representam o pré-existente e os ancestrais, no qual ambos convivem articuladamente, entendendo o ancestral como aquela parte que nunca é destruída, que sempre retorna.

As flores presentes no pano da costa, o qual cobre e protege o ventre, que significa a fonte da vida, representa o complemento do pré-existente e dos ancestrais, aqueles que morreram e aqueles que virão. Isso demonstra o quanto os valores africanos e dos terreiros de candomblé lidam de forma distinta do ocidente com a questão da morte e da vida.

Retomando a questão da memória nas sociedades africanas, temos a existência dos chamados griots, que são os guardiões da palavra, encarregados de contar a história da comunidade a qual pertence, ele é um cantador de histórias, utilizando-se da música e da poesia, ele transforma algo simples em algo épico. Cada etnia em África possui o seu griot, às vezes, dependendo da língua de uma etnia ele recebera outro nome, mas o interessante é notar que todas elas possuem um guardião da memória da comunidade.

Para ser um contador de história é preciso passar por uma escola, é necessário aprender a ouvir para depois falar. Ele retém as informações de todos os membros de uma comunidade, de uma família de várias gerações, fazendo com que um jovem saiba da vida de pelo menos dez gerações antes dele. Segundo Ampáte Bâ, “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”. (BÂ, 2003, p.32)

Podemos associar os griots as mães e pais de santo, pois são eles que passam oralmente todos os fundamentos, as regras de comportamentos, relembram os mitos, as histórias

de sua linhagem familiar dentro do santo e dão dessa forma, continuidade a essa religiosidade.

E finalmente os tecidos, tanto nos países africanos como nos terreiros de candomblé os tecidos e as disposições dos mesmos possuem significados. Esses tecidos e todas as suas ornamentações não passam despercebidos, mas podem não revelar os elementos contidos neles para aqueles que não o conhecem. Por exemplo, um seguidor dessa religiosidade que não passou por nenhum ritual de iniciação deve apenas usar tecidos simples, sem bordados, costuras, rendas ou deixar sua saia armada, pois esses elementos podem representar até a quantidade de anos de feitura de alguém no santo.

Existe toda uma hierarquia e uma significação detectada através dos tecidos, muitas vezes nem é necessário falar, a própria variedade e disposição dos tecidos demonstram a posição hierárquica de um indivíduo dentro da religiosidade. Podemos verificar isso na disposição do ojá, ou torso, que serve para cobrir o ori, ou seja, a cabeça das pessoas, se esse pano estiver com uma das abas levantada, significa que a pessoa tem sete anos de santo sendo filha de um orixá masculino, caso as duas abas estejam levantadas isso significa que ela também possui sete anos de feitura pagas ao santo e filha de um orixá feminino.

A partir dessas análises verificamos que mesmo com todos os esforços dos colonizadores em separar em sucumbir com todos os valores, crenças e hábitos dos negros que forçadamente para nosso território vieram, não conseguiram lhes arrancar o mais precioso tesouro, a memória de todos os seus valores civilizatórios. Essa percepção do mundo foi, diante das condições históricas, sincreticamente estabelecida e continua a se estabelecer na atualidade, o que torna perceptível os resquícios desses valores, com todos os seus significados no cotidiano dos terreiros das manifestações religiosas de matriz africana.

Uma breve apresentação dos trabalhos realizados por outros grupos.



Foto: Jaqueline Vilas Boas Talga

O trabalho anterior intitulado: “Palavra, Poder e Força Vital”, configura um sentido de pertencimento ao território sagrado, dando expressão de espaço sócio-temporal.



Foto: Jaqueline Vilas Boas Talga

O trabalho acima intitulado: “Meios de Produção”, representa toda uma organização social em torno da produção nas sociedades agrárias da África ocidental. Nessa parte do território observamos valores muito distintos dos valores capitalistas de utilização do solo, pois a terra é percebida como ser vivo, devendo ser transmitidas as futuras gerações num mesmo estado de conservação.

A terra é ocupada a partir de um pacto estabelecido por um ancestral fundador, na qual a produção não visa excedente, mas apenas as necessidades vitais. Existindo o labor coletivo e o mutirão, demonstrando o cuidado com os mais velhos e o auxílio as famílias conjugais que compõem as famílias extensas. Percebemos que a lógica

produtiva nesses espaços é de atendimento comunitário as necessidades vitais, e não a prevalência de acumulação e degradação ambiental.



Foto: Jaqueline Vilas Boas Talga

O trabalho acima, intitulado: “Morte, Ancestralidade e Ancestrais”, refletiu sobre esses três valores nas sociedades negro-africanas a partir do Baobá. Em África o Baobá é uma árvore muito preservada, pois ela representa a ancestralidade, o passado imemorial.

Em torno da árvore foram colocadas fotografias dos familiares do grupo e foram lembrados os feitos e narrativas desses ancestrais.



Foto: Jaqueline Vilas Boas Talga

O trabalho acima intitulado: “Homem e Sociabilidade”, demonstra como as sociedades agrárias da África Ocidental são auto-suficientes em todos os aspectos históricos, existenciais e materiais da vida.

Nessas sociedades o processo de socialização inicia com a integração da criança as práticas educacionais, passadas através das gerações, direcionando e dando forma aos valores sociais e aos laços de solidariedade. Somente aqueles que perpassam esse processo têm direito a convivência e a interação com o grupo social no qual está inserido.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS:

BÂ, Amadou Ampâté. Amkoullel, o menino fula. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BARROS, José Flávio Pessoa e Napoleão Eduardo. **Ewé Òrìsà: Uso Litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jêje-nagô**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2º Ed., 2003.

BASTIDE, Roger - **As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição para uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A Questão da Palavra em Sociedades Negro-Africanas**. In: **Democracia e Diversidade Humana: Desafio Contemporâneo**. SECNEB, Salvador, Bahia, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PERES, Luiz Nicolau. **A Formação do Candomblé. História e Ritual da Nação Jeje na Bahia**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2006.

REIS, Alcides Manoel dos. Eugênio, Rodnei Willian (org). **Candomblé: a panela do segredo**. São Paulo: Arx, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **As esquinas sagradas. O candomblé e o uso religioso da cidade**. In: Na metrópole. Magnani, José Guilherme cantor & Torres. São Paulo: Edusp, 2000.

VERER, Pierre. **Orixás**. São Paulo: Corrupio, 1981.